

Autogestão e Utopia

Texto de Claudio Nascimento

“ O contrário da utopia, não é a realidade, é o pragmatismo”

(Georges Labica)

A Revista francesa “Autogestion et Socialisme” é tida como uma ‘Enciclopédia’ da autogestão. Sua publicação foi iniciada nos anos 60 e existiu até os anos 80.

Após o simbólica ‘queda do Muro de Berlim’ (1989), surge uma nova conjuntura, em que o socialismo autogestionário desponta como uma possibilidade de alternativa ao mundo capitalista e as experiências extintas no Leste e na URSS.

Em 1993, seria retomada a experiência da Revista francesa “Autogestion et Socialisme”. Desta vez, com novo nome, “Utopie Critique”. No primeiro número, seu editorial remarca:

“Neste fim de século, a miséria do projeto emancipatório é patente. Como nunca, o dilema “socialismo ou Barbárie” está posto. Se, por sua atividade, o movimento social expressou suas aspirações à auto-determinação, ao auto-governo, à autogestão social generalizada, estabeleceu as premissas das transformações necessárias e iluminou o “germên dos possíveis”, a utopia mobilizadora deve ser repensada, refundada à luz das revoluções e à sombra das contra-revoluções que abalaram o mundo e as certezas.

Pensamos que é necessário romper com o capitalismo para lançar os fundamentos de um socialismo autogerido e que será através de conflitos e de experiências políticas, sociais, ideológicas que se desenhará um novo projeto e um programa transitório.

Esta revista tem por ambição se inscrever em um processo de refundação. Ela se propõe a ser um dos momentos e um dos espaços desta dinâmica refundadora que necessita a confrontação de múltiplas tentativas, de diferentes pontos de vista e um diálogo entre os atores dos movimentos sociais, entre militantes, pesquisadores e teóricos.

Trata-se de contribuir para produção de uma nova cultura crítica, novas representações, novas práticas e novas instituições estruturando um sujeito e um projeto revolucionários”.

No mesmo número, G. Labica fala mesmo de um “retorno da utopia”, sobretudo, após a derrocada das experiências do Leste europeu e das idéias de que ‘Não Há Alternativas’, e do ‘fim da história’, propagadas pelo neoliberalismo.

Labica afirma que “a autogestão aparece, então, como uma tendência. É importante precisar que a autogestão como perspectiva – e entre as perspectivas possíveis – está inscrita no real. Não é de modo nenhum um efeito da imaginação. Ela se inscreve no real na medida em que o desenvolvimento do processo de trabalho relacionado à um desenvolvimento excepcional – que é um produto da história – da consciência democrática faz que possamos entrever hoje a possibilidade do que Marx chamou “os trabalhadores associados”.

É nesta perspectiva que Henri Lefebvre define a autogestão: “É a abertura ao possível”. Ou seja, na perspectiva traçada por Yvon Bourdet, apoiado na obra de Ernst Bloch:

“Quando Marx fala de “encontrar o novo mundo na e pela crítica do mundo velho, a extração do que é ‘presente’, e portanto ‘invisível’, pode ser qualificada justamente de Utopia Concreta. É, igualmente, neste sentido que, o que é extraordinário (porque não percebido correntemente) não pode ser confundido com o ‘impossível”. A ‘utopia concreta’ é o ‘extraordinário possível’.

Ernst Bloch construiu a ideia de um ‘materialismo utópico’, com base em uma ‘ontologia do ainda-não-ser’.

A obra de Bloch diz respeito a “o estatuto de uma teoria crítica da sociedade renovada e repensada pelo prisma das utopias” Segundo, Arno Munster “Nos anos 1817-1918, Bloch orientou sua obra na perspectiva da utopia, com o objetivo de reabilitar esse conceito, mas não no sentido de esboçar uma utopia política e social nova, na linha de T. Morus, de Fourier ou de Cabet, mas de construir uma ontologia utópica, completada por uma teoria da função utópica da “consciência antecipadora” que leva diretamente à uma teoria da práxis que tem sua legitimidade nos ensinamentos da Tese XI de Marx sobre Feurbach”.

Já sem seus primeiros ensaios, como por ex., “A Impulsão de Nietzsche”, E. Bloch falava de “uma filosofia revolucionária do futuro, definindo-a como um saber ainda-não-consciente que torna a obra de arte um “espaço de experimentação da esperança”.

Em o “Espírito da Utopia” (1918), encontra-se numerosas antecipações dos temas maiores da obra da maturidade de Bloch: a teoria do “ainda-não-consciente”, da práxis antecipadora das “imagens desejadas” utópicas e a relação com o pensamento socialista. Mesmo misturada com uma visão messiânica, a ‘utopia comunista de Marx’ é vista como a realização de uma ‘comunidade de homens e mulheres iguais, vivendo e trabalhando, livres das condições alienantes do capitalismo, em estruturas cooperativas’.

Bloch de 1935 a 1938 em Paris e Praga, trabalhou em uma obra sobre “A História do Materialismo”. Segundo Munster, “primeiro, a crítica sistemática de todas as concepções mecanicistas da matéria que surgiram, aparentemente no campo do otimismo científico das Luzes, durante todo o século XVIII e do século XIX. Segundo, tentar, conforme às premissas teóricas de um materialismo não-dogmático, uma relação da consciência do sujeito com o conteúdo do ato objetivo, no quadro de uma ontologia materialista do ‘ainda-não-ser’ em que a relação do sujeito ao mundo é determinada como um modo de realização (manifestação) da possibilidade objetiva real; e, terceiro, tentar depurar o conceito marxista de matéria

das desfigurações vulgares de uma matéria coisificada, privilegiando uma concepção extremamente dinâmica da matéria enquanto enteléquia inacabada, e quarto, a (re) fundação de um conceito de matéria ‘aberta, utópica’ em que a matéria é definida antes tudo como o ‘substrato da possibilidade objetiva real’.

Na filosofia blochiana, o “possível” e o “ainda-não-ser” são determinações ontológicas fundamentais da nova experiência do mundo. A esperança, o futuro, encontram solo firme porque se fundamentam na realidade.

Dizia Bloch: “O materialismo dialético só tem sentido se admite que, para entender a gênese de uma estrutura, é preciso ter em conta, não só o passado, o vir-a-ser de tal estrutura, mas também, a categoria do futuro, isto é, tudo o que a estrutura contém de virtualidade a cada instante”.

Quando do Seminário de comemoração dos 25 anos do CEDEC, Boaventura Santos, com sua ideia de “Sociologia das Ausências”, assinalava um campo de afinidades com as ideias de Bloch: “Procurar o que falta no presente, naquilo que existe”.

Ao responder a questão “por que pensar”, Boaventura Santos afirma que, “o pensamento alternativo caracteriza-se pela centralidade da hermenêutica da emergência: para credibilizar as alternativas que estão a emergir no mundo precisamos de uma hermenêutica de emergência, que amplie simbólica e politicamente essas iniciativas locais.

Há duas grandes ideias a ter em conta. A primeira é de Prigogine (e de Aristóteles), a ideia de que o possível é mais rico que o real. A segunda é uma ideia de Ernst Bloch, um filósofo que não é hoje muito lido, mas que devia lê-lo muito mais: o conceito do “ainda não”, entre o ser e o nada, que funda o princípio da esperança! Nós vivemos em sociedades onde há espera

mas onde não há esperança, e para reconstituir essa esperança, o princípio do “ainda não”, de algo que pode vir, que é possível, porque está nas possibilidades do real e do presente, cria um efeito de intensificação(...)

Este “ainda não” exige um elemento subjetivo, e esse elemento subjetivo é a consciência antecipatória, a idéia de que algo pode surgir, em que a ruptura entre o presente e o passado é possível, a LATÊNCIA do futuro (grifo nosso), a idéia de incompletude. E, de novo, a idéia da sociologia das ausências é aqui muito importante, porque ela nos leva a mostrar que o que existe está aquém do que pode existir, que há possibilidades irrealizadas e que são realizáveis, são as chamadas UTOPIAS REAIS (grifo nosso)”.

Michael Lowy e Daniel Bensaid, a partir de análises das “Teses de Filosofia da História” de Walter Benjamin e dos conceitos de Utopia e Esperança de Ernst Bloch, desenvolveram reflexões que são fundamentais para temática da autogestão. Lowy e Bensaid apresentam muitas de suas teses na obra “Marxismo, Modernidade, Utopia”.

A ‘atualização’ destes conceitos implica uma nova visão radical da temporalidade, o que ocorreu com a visão benjaminiana sobre o ‘tempo histórico’ e, na concepção de ‘possibilidade’ na obra de Bloch.

Em seu ensaio “Marxismo e Utopia”, Lowy se reclama de diversas fontes do socialismo:

“O socialismo científico precisa mais uma vez tornar-se utópico buscando sua inspiração no Princípio Esperança (Bloch) que reside nas lutas, sonhos e aspirações de milhões de oprimidos e explorados, os “vencidos da história”, em Jan Hus e Thomas Munzer, nos soviets de 1917-1919 na Europa e coletivos de 1936-1939 em Barcelona. Nesse nível é ainda mais indispensável abrir amplamente as portas do pensamento marxista à gama de intuições sobre o futuro, desde os socialistas utópicos de ontem até os críticos românticos da civilização industrial, desde os sonhos de Fourier até as idéias libertárias do anarquismo”.

Em sua obra sobre Walter Benjamin, (Avertissement d’incendie. Une lecture des thèses ‘Sur le concept d’histoire’) , Lowy remarca: “ Benjamin se inspira de textos como os ‘Manuscritos de 1844’, os escritos sobre a revolução de 1848-1850 ou a Comuna de Paris ou ainda a “crítica do programa de Gotha”(…). O resultado deste trabalho é uma reelaboração, uma reformulação crítica do marxismo, integrando na massa do materialismo histórico os “clarões” messiânicos, românticos, blanquistas, libertários e fourieristas. Ou, antes, a fabricação, a partir da fusão destes materiais, de um marxismo novo, herético e radicalmente distinto de todas as variantes -ortodoxas ou dissidentes – de seu tempo. Um “marxismo messianico”... Mas também e acima de tudo um “marxismo da imprevisibilidade”: se a história é aberta, se o “novo” é possível, é porque o futuro não é conhecido de antemão.

“A advertência de incêndio de Benjamin guarda uma grande atualidade: a catástrofe é possível –senão provável- à menos que ...

O que significa; o pior não é inevitável, a história permanece aberta, ela comporta outras possibilidades, revolucionárias, emancipatórias e/ou utópicas”, conclui Lowy.

Em seu “Marx, o Intempestivo”, D. Bensaid nos apela à “Uma nova escuta do tempo”:

“ (...) Pela evocação das conjunturas passadas, “Abordar a Outrora significa portanto que ele seja estudado, não mais como antes, de maneira histórica, mas de maneira política, com categorias políticas” –W. Benjamin-. Tratar politicamente a história é pensar-la do ponto de vista de seus momentos e de seus pontos de intervenção estratégicos.(...)

A citação do passado a comparecer contradiz o postulado de um tempo irreversível e não modificável. A história crítica não pode anular aquilo que foi, mas pode redistribuir-lhe o sentido.”

Bensaid assinala ,em relação a recolocação do passado, duas direções contrárias: uma ontológica e outra política.Na linha de Walter Benjamin e Gramsci, nesta última, “ O tempo granuloso da historia não é para eles nem o cumprimento de uma origem nem a perseguição de um fim.O primado do futuro desenha em Ernst Bloch o horizonte utópico da esperança.Em Heidegger –a direção ontológica- ele assombra a meditação antecipada do ser-para-a-morte.(...).As categorias benjaminianas do tempo ordenam-se triplamente no presente : presente do passado, presente do futuro, presente do presente. Todo passado renasce no presente tornando-se passado.Todo presente esvanece-se no futuro tornando-se presente(...)

Em seu livro “Walter Benjamin, Sentinelle Messianique”, Bensaid define o “conceito dialético do tempo histórico” : o presente do passado responde ao presente do futuro, a memória à espera: “Nós somos esperados”.Prever esse presente carregado de dividas messiânicas é a tarefa política por excelência”.“Encarar a função antecipadora,não só em nós,subjetivamente,mas no mundo,objativamente.O passado já era antecipação do presente,o mesmo que este o é do futuro, e isto é o que valoriza para nós a recordação.Quando não há antecipação,o passado está concluído, está condenado,desapareceu, se encontra aniquilado.Tudo o que nos move na ordem da civilização é antecipador: de nobis fabula narratur”,afirmou Bloch no debate sobre as noções de estrutura e gêneses,no Colóquio de Ceresy-La-Salle.

“Arrancar a tradição ao conformismo é a tarefa revolucionaria por excelência”. O conceito fundamental do materialismo histórico não é o de progresso, mas o de ‘atualização’ : atualização das potencialidades.”

Lowy,em seu estudo sobre Benjamin, afirma que:“ A abertura do passado significa dizer que os nomeados ‘juízos da historia’ não têm nada de definitivo e de imutável.O futuro pode reabrir os dossiers históricos ‘fechados’,‘reabilitar’ as vitimas caluniadas,reatualizar as esperanças e as aspirações vencidas,redescobrir os combates esquecidos ou julgados ‘utopicos’,‘anacronicos’ e ‘ a contra-corrente do progresso’”.Lowy cita a obra de E.P.Thompson sobre a formação da classe operaria inglesa como uma manifestação clara desta ‘reabertura do passado’.

Ernst Bloch,em “ O Principio Esperança”,volume II , analisa a relação entre ‘marxismo e antecipação concreta”.Bloch afirma categoricamente que “ o marxismo não significa renuncia à antecipação (função utópica); ele é o ‘novum’ de uma antecipação concreta relacionada ao processo imanente à Historia)”.

Marx pôs fim ao dualismo reificado entre ‘ser’ e ‘dever-ser’,entre ‘realidade empirica’ e ‘utopia’.Para Bloch,o realismo de Marx é carregado de futuro:“È justamente porque a obra inteira de Marx está a serviço do futuro,bem mais, ela só pode ser entendida e realizada no horizonte do futuro,mas de um futuro que não é mais traduzido por uma utopia abstrata.Pois, uma idéia justa do futuro somente pode ser fornecida a partir do passado e do presente,lá onde ele começa a despontar,ele não pode ser deduzido que a partir das tendências que operam(...)”. Este campo do futuro é uma interessante oposição aos falanstérios ou New Harmonies puramente imaginarias,esta renuncia a todas as visões de fantasia de um pretendido Estado do futuro”.

Marx consagrou mais de 9/10 de sua obra a análise critica do momento presente,e designou um lugar relativamente reduzido as determinações do futuro.Por sua vez,segundo Bloch, as utopias abstratas dedicaram 9’10 de seu espaço ao desenho,a pintura,do Estado do futuro e apenas 1/10 a observação critica,freqüentemente negativa,do momento presente.

A utopia concreta tem seu principal elemento no processo histórico ,naquilo que Bloch chama de Latência (Latenze),isto é:

“ o correlato das possibilidades objetivas-reais não ainda-realizadas no mundo.”

“O mundo inteiro é percorrido pela grande idéia de uma coisa e pela intenção tendendo ao ainda-não-acontecido: a utopia concreta é a teoria-praxis mais importante desta tendência. Seu campo é socialmente muito vasto, compreende todos os domínios do trabalho humano, estende-se aos campos da técnica e da arquitetura, da pintura, da literatura e da música, da moral e da religião.

O ‘materialismo utópico’ blochiano tem por base que “ apenas um pensamento orientado para transformação do mundo, portando uma vontade de mudança, diz respeito ao futuro”. Esta visão significa uma mudança no conceito de “ser”. Ao abandonar a idéia de um ‘ser fechado e estático’, a verdadeira dimensão da esperança e da utopia se abre, o mundo se enriquece em disposições-à, em tendências-à, em virtualidades-de (Latenze).

Concluindo seu ensaio sobre “O Romantismo Revolucionario de Bloch e Lukacs”, M. Lowy afirma que “ o romantismo revolucionário não é de modo algum contraditório com o pensamento de Marx, que comporta, ele também, uma dimensão romântica anticapitalista. Após meio século de hegemonia de um marxismo kantiano e/ou positivista, e/ou darwinista, e/ou evolucionista (com algumas exceções como Williams Morris e Rosa Luxemburgo) surgiu com Bloch e Lukács nos anos 1917 e 1923 uma potente e original leitura romântica do marxismo, uma concepção romântica da revolução social, que não desapareceu mais da consciência crítica moderna”.

O “traço comum” que Lowy designa ao “romantismo revolucionário” é: “ a crítica da civilização industrial/burguesa moderna (como foi constituída depois da metade do século XVIII) a partir de certos valores sociais, culturais, éticos, estéticos ou religiosos do passado pré-capitalista”.

Nesta perspectiva, Bloch permaneceu fiel e, sobretudo, enriqueceu em obras posteriores ao “Espírito da utopia” (1918) suas intuições de juventude; por exemplo, em “Experimentum Mundi” (1975), “ O Princípio Esperança” (1953 e 1959) e “ Herança do Nosso tempo” (1962).

Como sabemos, Marx e Engels desconfiaram da utopia e Engel opôs o ‘socialismo utópico’ ao ‘socialismo científico’. Bloch mostrou que é possível outra interpretação de utopia e ciência.

Em síntese, Bloch define duas formas de utopia.

- 1) a UTOPIA ABSTRATA: antecipa na imaginação uma outra realidade; enquanto permanecer imaginária, esta antecipação porta um perigo: o de não levar em conta os meios de sua realização;
- 2) a UTOPIA CONCRETA: contudo, enquanto antecipa um dever-ser que ‘ainda-não-é’, ela faz parte da realidade, é imanente ao movimento social, e é uma subjetiva de uma mobilização real, de uma transformação real do mundo.

Estas definições de Bloch, nos levam a buscar na práxis da autogestão, nas experiências desenvolvidas ao longo da história, nas ‘experiências sociais’ ocorridas em diversos momentos e lugares, os principais elementos que compõem a proposta do socialismo autogestionário. Sem dúvidas que, no campo do chamado ‘socialismo utópico’ podemos encontrar muitas idéias fecundas, mas compõem o que Bloch chama de ‘utopia abstrata’.

Bloch define o marxismo, não como o contrário de uma utopia, mas como “o novum de uma utopia concreta”. Utopia no que traça imaginariamente seus objetivos; em que, participa na ação transformadora; concreta, no que como representação, ela antecipa o que já está no real, inscrito no presente como possibilidade. Portanto, a utopia concreta implica a crença em um dever-ser ainda-não-realizado; a utopia é a antecipação imaginária de um objetivo.

Bloch fala do conceito de “excedente da realidade”: a utopia expressa a contradição presente e o esforço imaginário para antecipar a resposta concreta; manifesta, assim, um poder crítico frente à realidade, enquanto ainda não foram realizadas todas as esperanças. Este é o sentido da noção de “excedente”: possibilidade ainda-não-realizada, abertura ao futuro. Neste sentido, “a história humana é um oceano de possibilidades sempre abertas”.

Para Bloch, “A utopia concreta se encontra no horizonte de toda realidade; a possibilidade real articula ao objetivo as tendências-latências dialéticas abertas”.

A temática da utopia foi retomada mais recente nas obras de Boaventura Santos, já inserida nas questões do campo da economia solidária.

Voltemos a BOAVENTURA SANTOS que analisou as questões relativas à civilização, a crise de paradigmas, as tradições e as utopias. “Nos encontramos numa fase de transição paradigmática, cujos sinais de crise me parecem evidentes, e um novo paradigma com perfil vagamente descortinado, ainda sem nome e cuja ausência de nome se designa por pós-modernidade...”

Penso hoje que esta transição paradigmática, longe de se confinar ao domínio epistemológico, ocorre no plano societal global; o processo civilizatório instaurado com a conjunção da modernidade com o capitalismo e, portanto, com a redução das possibilidades da modernidade, as possibilidades do capitalismo entrou, tudo leva a crer, num período final”.

Para superar este esgotamento do processo civilizatório capitalista, Boaventura busca alternativas no pensamento utópico: “aliás uma das tradições suprimidas da modernidade e que urge recuperar”.

“...reinventar o futuro, abrir um novo horizonte de possibilidades, cartografado por alternativas radicais às que deixaram de o ser... Penso que só há uma solução: a utopia. A utopia é a exploração de novas possibilidades e vontades humanas, por via da oposição da imaginação à necessidade do que existe... As duas condições de possibilidade da utopia são uma nova epistemologia e uma nova psicologia... A nova epistemologia e a nova psicologia anunciadas e testemunhadas pela utopia assentam na arqueologia virtual presente. Trata-se de uma arqueologia virtual porque só interessa escavar sobre o que não foi feito e, porque não foi feito, ou seja, porque é que as alternativas deixaram de o ser. Neste sentido, a escavação é orientada para os silêncios e para os silenciamentos, para as tradições suprimidas, para as experiências subalternas, para a perspectiva das vítimas, para as margens, para a periferia, para as fronteiras, para o Sul do Norte, para a fome da fartura, para a miséria da opulência, para a tradição do que não foi deixado existir...”.

Sobre o paradigma emergente, Boaventura assinala que “Em boa verdade não há um paradigma emergente. Há antes um conjunto de ‘vibrações ascendentes’, como diria Fourier, de fragmentos pré-paradigmáticos...”. Entre outros aspectos, estes fragmentos têm em comum “o saberem que só é possível pensar para além da modernidade a partir dela, ainda que na forma das suas vítimas ou das tradições que ela própria gerou e depois suprimiu ou marginalizou. Neste sentido, pode dizer-se que a modernidade fornece muito dos materiais para a construção do novo paradigma. Só não fornece o plano de arquitetura nem a energia necessária para o concretizar”.

Boaventura nos aponta algumas pistas: “As paixões de Schiller e dos românticos e a atração apaixonada de Fourier são dois campos privilegiados de escavação arqueológica da modernidade... O novo paradigma prevalece-se neste domínio de Schiller e da sua defesa da aparência estética (das *aesthetische Schein*) nas “Cartas sobre a Educação Estética do Homem”, publicadas em 1795. Aliás, Schiller representa, para o novo paradigma, uma das tradições suprimidas da modernidade e, como tal, suscetível de contribuir para a configuração da nova inteligibilidade. Schiller faz uma crítica radical da ciência e da deshumanização administrativa e da especialização profissional que ela promove, uma crítica, de resto, bastante semelhante à feita

por Rosseau.E,tal como acontece com Rosseau,não anima Schiller nenhuma veleidade passadista,mas antes o desejo de reconstruir a totalidade da personalidade nas novas condições criadas pela modernidade”.

Neste sentido,podemos dizer que Schiller,expressa claramente,a sensibilidade romantica anti-capitalista de carater utopico-revolucionario.

Boaventura amplia seu leque de pistas:”E ,para escavacão da amplitude concreta da subjetividade,dois outros campos de escavacão arqueologica se me afiguram fundamentais: Montaigne e Kropotkin,outros dois criadores culturais cujas ideias foram suprimidas ou marginalizadas pela concepção hegemonica da modernidade capitalista”.Para Santos,Montaigne insistiu na necessidade de não perder de vista o individuo concreto,e Kropotkin insistiu na solidariedade concreta,nos laços de ajuda mutua.

Cláudio Nascimento

